

1539

33

BOM-SENSE E BOM-GOSTO

RESPOSTA

À CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^{mo} SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO

BOM-SENSE E BOM-GOSTO

RESPOSTA

Á CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^{mo} SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO



LISBOA

IMPRESSA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

1865

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

III.^{mo} Sr.

Acabo de ler as obras de v. s.^a, e, pasmado ainda com os raios luminosos que me deram de chapa nos olhos do espirito, pego na penna para expandir os efluvios da minha admiração, como quem abre uma valvula de segurança, para evitar quaesquer detonações d'esta preciosa machina, que em linguagem rasteira se chama homem, e a que v. s.^a nas suas admiraveis *Odes* chama—proscripto rei, mendigo escuro.

Eu aceito esta denominação, apesar de não ser tri-gueiro, e de ter os meus seis vintens.

Não sei se v. s.^a se escandalisa por não lhe dar excellencia, mas eu que me sinto banzado ao elevar a minha palavra até uma das mais brilhantes estrellas da constellação coimbrã, ignoro tambem por falta de uso que tratamento pertence pela Constituição do idealismo aos que voam lá por cima, atra-

vessando os espaços infinitos aonde não chegam as exalações mephiticas do lodaçal mundano, nem o tratado de civilidade, nem as futilidades da grammatica terrena, nem as pequices da metrificacção sublunar.

Desculpe-me pois v. s.^a se o não trato como devo, acreditando nas espansões sinceras do meu *eu*, que se confessa creado do *eu* de v. s.^a

Ainda não tinha lido as *Odes modernas*, quando me chegou ás mãos a carta que v. s.^a escreveu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, a esse caturra intoleravel que teima na guerra desleal contra os innovadores que vem do norte, annunciando a nova aurora da independencia litteraria, em que serão quebrados os ferros que algemam a idéa, e os seus apostolos rasgarão os horisontes luminosos sem o auxilio inutil da instrucção secundaria.

Não tinha lido as *Odes* que v. s.^a atirou aos ventos da publicidade, e fui logo compral-as, porque a alludida carta tinha chocado a minha alma que para logo concebeu o feto preciosissimo do *ideal*. Fui compral-as, e o proprio livreiro que m'as vendeu, tocado sem duvida pela sublimidade da poesia, e pelo levantamento do espirito que se admira no parto de v. s.^a, envergonhou-se ao dizer-me o preço do livro; voltou o rosto, tapou os olhos ao estender a mão tremente ao baixo e villissimo cruzado.

Quanto a mim, sabe Deus o que tambem me custou aquillo!

Ah! não foi dinheiro perdido. Aquelles quatro toções foram sementes da seara nova do meu espirito, e os beneficos resultados da sementeira milagrosa

estou-os já sentindo, porque olho desdenhoso para tudo que me cerca, porque já vendi o Dicionario de Moraes que me obstruia a meza do trabalho, porque estou com vontade de trocar os nomes ás coisas, e já me doe o pescoço de olhar lá para cima onde ha montanhas de luz, e aonde o vocabulario é *ad libitum* de quem falla.

Não, não foi dinheiro deitado á rua esse que o livreiro me aceitou envergonhado pelas odes com que eu heide ir remando para as *praias do futuro*, em cojas agoas chistalinas se levantarão calices arrendados de saphira e prata que servirão para barcas de banhos, e como a pag. 55 v. s.^a diz :

«Com seu olhar d'amôr quem se vestiu?»

Creio que na poesia d'essas futuras *Deusas dos mares* as vistas purissimas do amôr hão de substituir as camisolas de baeta e as coecas de algodão.

Este arrojo da poesia innovadora faz-me lembrar uma historia que eu peço licença para contar a v. s.^a Dois beberrões celebres apostaram entre si que beberia de graça meia canada aquelle que a bebesse sobre comida mais insignificante. O primeiro comeu uma azeitona e despejou o copo, o segundo cheirou uma azeitona e enxugou o *sino grande*.

Entre os selvagens uns vestem-se com tres quartas de panno cru, outros com um bracelete, alguns com um simples búcio, o sr. Anthero do Quental sublime como o homem que cheirou a azeitona veste com um olhar a geração futura.

E não digam os homens da prosa que o vestuario

será então igual para todos, porque a diversidade das *toilettes* imprimiu-a Deus na elegancia visual das creaturas, fazendo dos olhos outros tantos alfaiates. O olhar da virgem formosissima corresponde á thesoura do Keill, a vista ordinaria da mulher do povo será uma especie de remendão de escada.

E como v. s.^a rasga a membrana que envolve o ovario da geração contemporanea, na qual germina o futuro! E o traje da gente voltará á simplicidade primitiva; e o olhar d'amôr tomará o logar da parra nos Apollos de gesso; e os defluxos abandonarão a raça humana; e as lavadeiras fugirão espavoridas em procura de gente que se vista por diverso theor.

Ha de ser a idade dos nús. A completa independencia do pensamento que v. s.^a prega na sua preciosissima carta, não podia deixar de trazer a independencia da pelle humana. A nudez da alma que bate as azas candidas para as regiões do infinito, não podia deixar de ser acompanhada pela nudez do corpo que demanda os bafejos continuados das brizas; porque os tecidos são enfeites e ninharias luzidias, como os preceitos banaes da arte o são para o pensamento.

As aspirações de v. s.^a hão de ser realizadas. No futuro a *idéa* será livre, esta rainha esplendida, a que v. s.^a presta o devido culto, pisando as regras de uma orthographia mediocre, para a escrever com I grande, será a denominadora do universo.

Os vates abandonados a si mesmos terão a *elevação moral*, a *virtude da altivez interior*, a *independencia da alma*. Tudo será independencia e liberdade, os versos parecerão prosa, como v. s.^a faz

ver em centenares de exemplos taes como o seguinte da 1.^a pagina das Odes Modernas:

«Vae mas ignora sempre quem o leva

e o da pagina 11:

«Deus, não póde durar mais que alguns annos.

Não haverá medição para os versos, como v. s.^a, sublime adivinhador, já faz ver por exemplo no seguinte endecassylabo a pag. 22:

«Da terra e céo bandidos orgulhos.»

As difficuldades estupidas da rima desaparecerão por uma vez; as palavras rimarão comsigo mesmo, como por exemplo na seguinte colxea a pag. 23 do precioso livro de v. s.^a:

«É porque um céo maior nos mostre e é nosso,
Esse céo e esse espaço! é tudo nosso!

N'essa idade os Deuses serão rebaixados á condição de letreiros como se vê da seguinte quadra a pag. 43.

«A pallida cohorte dos proscriptos
Que tem nos rostos estampada a fome;
Que em quanto o frio os roe e os consome,
Trazem no coração Deuses escriptos.

E a regeneração ha de chegar aos dominios da Astronomia. Os raios que até aqui estalavam a pouca altura da terra andarão com as estrellas ao cólo, co-

mo muito bem se póde ver do seguinte verso de
v. s.^a a pag. 47:

•Erguendo um filho, como um raio a estrella..•

Que as leis da gravitação universal serão banidas
adivinha-se pelos seguintes versos a pag. 52:

•Entre os astros, e os astros como atheus
Já não querem mais lei que o infinito.

Os estufadores tomarão parte no systema planetario,
e, o que ainda é mais, os docéis e as bambinellas fi-
carão por debaixo das camas como se conhece da
seguinte quadra a pag. 57:

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes,
Serão leito de amor — tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

E os cometas descerão á nossa atmosphaera e gira-
rão por ella como balões. Vid. pag. 89:

Os cometas que ao ar andam subidos.

E assim como os olhares constituirão o vestuario,
as almas serão chailes-mantas, e os peitos serão trans-
formados em trapesio. Vid pag. 63:

Estendei vossas almas como mantos
Sobre a cabeça d'elles... e do peito
Fazei-lhes o degráu, onde com geito
Possam subir a ver os astros santos...

O sr. Anthero do Quental refere-se aos poetas do futuro, e muito bem fez em recommendar-lhe, o *geito* n'esses vãos de Leotard.

E outras mil coisas hão de acontecer, como v. s.^a, que é o promettido das letras, annuncia brilhantemente á terra e aos astros nas suas admiraveis prophcias.

V. s.^a não pôde conter a indignação quando viu a carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho publicada conjunctamente com o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas, carta em que o traductor de Ovidio alcunhou de nevoeiro e de inattingivel o estylo que fulge lá para as bandas do norte, e que em borbotões de luz ameaça illuminar tudo. V. s.^a indignou-se e veio lançar por terra esta chancellaria litteraria de Lisboa, aonde só se passam titulos de capacidade aos insignificantes que não progridem nem innovam como v. s.^a

Diz v. s.^a na sua inimitavel carta: Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio, e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é precioso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa. Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens.»

Isto diz v. s.^a, e como tudo está abalado, a humanidade em dissolução é que v. s.^a tão acremente cen-

sura o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por não acordar ao toque de rebato, por não metter mãos á grande obra do futuro alistando-se sob o commando dos que assentaram as suas trincheiras contra o senso commum, e deixar-se ficar na paz esteril com as suas traducções de Ovidio, com a sua *Primavera*, com os seus *Tratados* de Metrificação.

Emquanto o sr. Castilho assim se conserva inabalavel no meio das ondas revolucionarias, v. s.^a sr. Anthero, famoso Quixote da Poesia, combate pela *Idéa*, e derruba os moinhos de vento que se oppõem á sua passagem.

E ha de vencer, quem tem os arrojos de v. s.^a póde muito bem chamar seu ao mundo.

Refundem-se as crenças antigas e os antigos costumes, por isso v. s.^a começou o seu poema com a particula adversativa *mas*

Mas o homem, se é certo que o conduz.

É este o primeiro verso do seu thesouro de inexgotaveis riquezas. E v. s.^a não pára; a extracção da humanidade viva e formosa precisa de v. s.^a, e por isso o seu novo poema ha de naturalmente começar por *ponto e virgula*.

Ah! abençoados quatro tostões que o livreiro me recebeu envergonhado em troca das deliciosas prophcias de v. s.^a! Já sinto o espirito aberto para o *bello ideal*, e a intelligencia fechada para as secções em que se divide a grammatica mundana.

E eu estou desconfiado de que lá em cima por onde v. s.^a anda, isto de se fallar ácerca do impal-

pavel consiste em uma especie de sorteio, como eu já tinha ensaiado antes de haver lido as *Odes Modernas*.

Tinha eu imaginado a Deus dizendo ao Universo a grande missa da criação. Precisava de um pensamento condigno do assumpto e não o achava. Dei-tei n'um chapéo tres palavras em tres papelinhos para ver o que sahia. As palavras eram: *estola*, *veste*, *infinito*, e como estas palavras precisavam de colxetes que as ligassem, dei-tei mais no chapéo em quatro papelinhos differentes o tempero seguinte: *a—do—que—o*.

Chocalhei tudo, tirei ao accaso papelinho por papelinho e sahiu-me:

O que veste a estola do infinito

Bravo! exclamei; e qual foi a minha admiração quando a pag. 39 das Prophecias de v. s.^a encontro exactamente o mesmo verso.

Teria v. s.^a para o fazer usado da mesma giria que eu usei? Creio que sim, creio que a grande musa do accaso, é que é a inspiradora dos vates idealistas que fulguram lá para o norte.

O que veste a estola do infinito

Os reptis do charco immundo da vida dizem naturalmente que é asneira, mas eu estou com v. s.^a, digo que é sublime.

Vão lá tapar a bocca aos maldizentes de Lisboa, os quaes andam por ahi a gritar que deu o mal das

vinhas na litteratura coimbrã, que é preciso serem enxofrados os vates idealistas e innovadores das margens do Mondego, e que ás authoridades de Lisboa cumpre estabelecer o cordão sanitario que nos preserve da invasão da epidemia!

Caminhe v. s.^a, progrida com as suas innovações desentranhando as sociedades do futuro e deixe bradar no deserto estes imbecis. Perdoe-lhes, ill.^{mo} sr. que elles não sabem o que fazem. Ignoram que o que é grande lá em cima por onde v. s.^a anda, é pequeno cá embaixo por onde elles rastejam.

A linguagem transcendental que abre os horisontes immensos do futuro é estranha cá nos arruamentos de Lisboa, e por isso, quando o povo ignaro a escuta na bocca de um ou outro, exclama: *coitadinho, tem aduela de menos.*

Por tudo isto e por muito mais se confessa

De v. s.^a

admirador permanente

M. Roussado.

*Dois Poetas transcendentes
da Escola Coimbra.*

Luiz de 181

Babello em desalinho, biserto e farto,
A face macilenta, o olhar incerto,
Distingue uns vates d'estrangeiro encerto,
Que no mundo impingem transcendente parto.

Gemem nos leyras os bordões d'esparto,
Do mystico arangel rompe o concerto:
Um diz que o sol é' o dia, um mais esperto,
Diz que o Leo é' quintal e o Bem lagarto.

Butro de ventos no ar, immoel, binto,
Chama que o Padre Eterno é' sussimorto,
Oquelle nos nutro chama ethereo mylto.

Veimmo como um cantar o vulgo obscuro,
Que esse grupo fatal, com magoa adirto,
Da horta do Ideal regressa torto.

Ab. B.

